ANNO XVI de "O Povo de Aveiro,. DOMINGO, 27 DE ABRIL DE 1902 N.º 941 de "O Povo de Aveiro,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 142

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

O analphabetismo NO EXERCITO

Começa a agitar-se novamente esta importantissima questão.

O *Diario de Noticias* publicava ha dias os dois artigos que em seguida transcrevemos. Esses artigos merecem uma resposta. Mas deixa-la-hemos para o numero seguinte por não termos hoje vagar para a escrever.

Diremos, comtudo, desde já que as provas publicas, a que se está procedendo em infanteria 14, sobre os alumnos ensinados este anno pelo methodo João de Deus em todas as companhias, demonstram exactamente o contrario do que pretendem os dois articulistas do *Diario de Noticias*.

Nada mais simples, nada mais facil, nada mais pratico do que o ensino litterario no exercito por companhias, como nós demonstraremos. O ensino obrigatorio, porque o ensino facultativo, qual o advoga o *Diario de Noticias*, é uma verdadeira burla, como tambem demonstraremos. Se pretendem enganar o paiz com a eterna hypocrisia de declararem que são favoraveis aos progressos nacionaes, de honrarem os que se dedicam a esses progressos, procurando ao mesmo tempo, por baixo de capa, matar á nascença todas as iniciativas, todos os esforços n'esse sentido, enganam-se d'esta vez, porque o nosso amigo, o sr. Homem Christo, tem, felizmente, vastos recursos, para poder mostrar ao paiz toda a hypocrisia de tal procedimento.

E' voz corrente que o regimen é adversario implacavel da instrucção popular.

Nós veremos d'esta vez se essa affirmação se confirma.

Entretanto, esperemos que terminem em infanteria 14 as provas publicas, a que se está procedendo, e que devem terminar por toda esta semana, para falarmos depois detidamente sobre o assumpto, dando ao *Diario de Noticias* a resposta que é devida. No emtanto, agradecemos aos auctores dos artigos publicados n'este periodico as agradaveis referencias feitas ao nosso amigo sr. Homem Christo.

«Tivemos ha tempo ensejo de nos referirmos a este importante assumpto, a proposito dos resultados obtidos pelo sr. capitão Homem Christo com os recrutas da sua companhia, aos quaes, por iniciativa propria, conseguiu ensinar, n'um periodo relativamente curto, rudimentos de leitura e escripta, obtendo resultados realmente notaveis. Dedicando a essa tarefa continuados esforços e sendo n'ella disvelada e dedicadamente secundado pelos seus subordinados, demonstrou o sr. Homem Christo quanto vale e quanto póde alcançar a boa vontade posta ao serviço de uma causa justa.

O sr. ministro da guerra conhecedor d'aquelles factos, e considerando ser de toda a vantagem animar e até incitar identicos esforços nas diversas unidades do exercito, determinou que se convidassem os commandantes de companhia a fazer identicas tentativas, e que para tal effeito lhes fossem dadas todas as facilidades e auctorisadas as pequenas despezas por ella demandadas. Sem duvida, é de todo o ponto para louvar o procedimento do sr. ministro da guerra, procurando aproveitar a iniciativa e a dedicação dos officiaes, e fazendo da sua parte quanto podia para que taes esforços e trabalhos viessem a ser fecundos em resultados aproveitaveis.

Ha poucos dias um illustre deputado militar referiu-se na camara ao assumpto, mostrando as vantagens de acabar ou pelo menos reduzir o mais possivel o analphabetismo no exercito, e aventou a idéa de tornar obrigatorio aos commandantes de companhia o ministrarem aquelle ensino, da mesma sorte que teem o encargo de darem aos seus soldados a instrucção militar, e n'esse sentido formulou um convite ao sr. ministro da guerra, para que tomasse algumas providencias n'esse sentido.

A esse convite respondeu, e muito bem, o sr. ministro da guerra mostrando que não podia ir mais além do que tinha já feito, que era appellar para o zelo e boa vontade dos officiaes, e proporcionar os meios para espalhar no exercito identicas tentativas.

E de facto assim é. A instrucção propriamente militar apresenta-se hoje com um caracter tão complexo e tão vasto para o pouco tempo para ella disponivel, e surgem sempre tantos serviços e impedimentos a occuparem as horas e a concentrarem a attenção dos officiaes, que succederá muitas vezes não lhes ser materialmente possivel, apezar de toda a sua boa vontade e diligencia, ministrar ou sequer dirigir o ensino de primeiras lettras aos seus recrutas analphabetos. Além d'isso, as condições em que se encontram as diversas unidades não são absolutamente eguaes; ha sem duvida guarnições em que se torna possivel aquelle acrescimo de ensino, e outras em que tal se não dará, de sorte que ou seria insufficiente e incorrectamente ministrado ou se deixavam de executar outros serviços, porventura mais essenciaes.

Acresce ainda a circumstancia de que sobretudo para o ensino de primeiras lettras, tendo de ser feito em pouco tempo, se demandam aptidões especiaes quando se quer attingir um resultado computavel, e nem todos as podem possuir, sem que por isso deixem de ser muito bons officiaes e de ministrar aos seus recrutas uma cuidada instrucção militar. E', pois, excellente que os dotados com taes aptidões as possam aproveitar, proporcionando-lhes para isso todos os meios, como fez o sr. ministro da guerra; mas pretender ir mais além, seria forçada exigencia, a que nem sempre se poderia satisfazer tão cabalmente quanto conviria.

Comtudo, nem por isso o problema do analphabetismo no exercito, e tambem em todas as camadas sociaes, deixa de merecer que se lhe procure uma solução, mas solução pratica. Nos exercitos estrangeiros e sobretudo na Allemanha, cujo exemplo foi citado, o numero dos recrutas analphabetos é insignificantissimo, porque as escolas primarias são frequentadas obrigatoriamente o que entre nós não succede, nem será facil conseguir, sem que um poderoso estimulo leve os paes a enviarem os filhos a essas escolas.

E' esse estimulo que se torna necessario crear entre nós, e talvez se possa conseguir por um meio indirecto, que nos parece facil encontrar na propria obrigação do serviço nas fileiras do exercito.

Assim, se a reducção do tempo de serviço militar a dois annos se applicasse só aos que mostrassem possuir, no acto do alistamento as habilitações de primeiras lettras, certamente isso animaria e incitaria á frequencia das escolas primarias, mas frequencia com aproveitamento e não meramente pro fórma como succede actualmente em muitas. Poderia ainda fazer-se identica concessão aos que, ao cabo de dois annos de serviço, provassem possuir aquellas habilitações, sem cuidar de saber como as tivessem adquirido.

Affigura-se-nos que por este processo, em cuja applicação se deveria estipular um periodo transitorio sufficiente, se conseguiria em breves annos diminuir consideravelmente o numero dos analphabetos alistados, e, então, para os poucos que restassem, haveria talvez fórma de lhes ministrar, durante os tres annos de permanencia nas fileiras, o ensino conveniente, sem perturbação das outras funcções militares.

Não se veja, no que fica dito, contradicção com o que escrevemos no artigo anterior ácerca das desvantagens do serviço de dois annos, sobretudo tal como se está applicando entre nós. Do mal o menos—e já que estamos n'essa pratica, procure-se tirar d'ella todo o proveito possivel.

Se a ultima lei do recrutamento consigna a concessão do serviço reduzido a 100 dias, com passagem immediata á segunda reserva, ao recruta que se apresente com o diploma ou as habilitações de atirador de 1.ª classe, e isso naturalmente com o intuito de chamar frequencia ás carreiras e desenvolver a aptidão no tiro ao alvo, não seria certamente para estranhar que tambem se concedesse um premio áquelles, que se apresentassem com a habilitação de primeiras lettras, havendo ainda em favor d'estes ultimos a circumstancia de que tal habilitação lhes seria proveitosa e aproveitavel em toda a sua vida, quer militar, quer civil.»

* * *

«... *Sr. redactor*:—Applaudo com todas as véras o artigo de v. sobre o «Analphabetismo no exercito». Mas não nos illudamos nem exageremos: o resultado obtido pelo sr. Homem Christo no ensino dos seus recrutas, não deve attribuir-se senão ás aptidões singulares d'aquelle illustre militar, estimuladas, decerto, pelo seu amor ao povo. A isto e a mais nada. Arredemos, pois, do facto, como, de resto, v. fez muito bem sensatamente, a falsa e prejudicial noção de que esses resultados são devidos a outras causas, que não, exclusivamente, á aptidão singular, e tão digna de ser invejada, do sr. Homem Christo.

Os que pretendem vêr n'esse phenomeno o resultado do simples «facto do ensino», esquecem que este é essencialmente o professor; e os que pretendem vêr no caso Homem Christo o resultado de um dado methodo ou de um dado livro por elle adoptado, esquecem que não ha methodo mau com um professor bom, nem methodo bom com um professor mau.

Tudo se reduz, pois, ao professor, a quem ensina, e a mais nada; e nem sequer é melhor professor o que mais sabe, mas só o que melhor ensina...

Tem sido de um grave inconveniente a falsa noção de que n'este campo, os resultados dependem dos «methodos»,—quando é certo que elles dependem exclusivamente «do methodo» do professor, e não d'este ou d'aquelle livro, feito por este ou por aquelle auctor.

Estamos certos de que o sr. Homem Christo obteria os resultados que tem obtido com qualquer livro ou cartilha de aprender a lêr de que se servisse, fosse qual fosse; e seja qual fôr a cartilha por elle adoptada, essa mesma cartilha não daria o menor resultado em mãos de outro que não tivesse a aptidão do ensino, que distingue o sr. Homem Christo.

Repetimos, não ha methodo mau com um professor bom, nem methodo bom com um professor mau;—e se a nossa legislação sobre instrucção primaria é tão má que póde dizer-se desgraçada, n'uma coisa, ainda assim, é ella excellente: é em não impôr ao professor primario um livro certo e determinado para ensinar a lêr, deixando lhe, n'esse campo, uma liberdade que decerto concorrerá muito para o auxiliar na sua tarefa,—tarefa cujo proficuo resultado a imposição official de uma dada cartilha podia estorvar e até annullar.

Quasi receiamos estar a dizer isto em publico, não vá o legislador da ultima reforma, que parece ter caprichado em inventar estorvos ao desenvolvimento do ensino popular, soccorrer-se ainda de mais aquelle meio para o estorvar ainda mais;—e comquanto não ignoremos a «a razão historica» (e assaz comica!) porque essa liberdade na escolha da cartilha existe, a favor do professor, na legislação actual de instrucção primaria, em todo o caso applaudimol-a, fazendo votos por que não cáia sobre ella o mau olhado de algum reformador...

N'isso de cartilhas de ensinar a ler, tudo quanto se deve desejar é que o livrinho auxilie o professor pela unica forma por que um auctor o pode auxiliar: incitando, estimulando na creança a vontade e a curiosidade de saber.

Mais nada. O papel de auctor acaba ahi, e limita-se, como se vê, a attrahir a creança para o livro, e a tornal-a mais docil, portanto á acção do professor. Mas o resto é com este; e o resto é tanto, que bem se póde dizer que é tudo.

Alguem comprehendeu já muito modernamente, a força e a verdade d'estes principios, realisando-os praticamente; mas queremos, de proposito, arredar nomes, o arredar-nos de pessoas, para se nos não attribuir parcialidade.

Tem sido muito prejudicial ao ensino a proclamação de exaggeradas theorias no tocante a methodos de ensinar a ler, porque a verdade, repetimos, é que todos são bons ou maus consoante o professor. Tudo o mais, theorias!

Do resto, aprender a ler não é difficil; o que é difficil é encontrar quem saiba ensinar. E quem saiba ensinar terá reconhecido fatalmente estas tres grandes verdades: 1.º que o methodo da cartilha, qualquer que elle seja, é sempre, para a creança «letra morta»; 2.º que o methodo é o professor; 3.º que o professor «tem de ser a creança»; isto é, tem de a ensinar consoante a aptidão e o temperamento especial de cada uma.

D'aqui se derivam dois corolarios: a necessidade de recrutar os professores entre os individuos singular e naturalmente aptos para uma funcção que por ser essencialmente materna talvez devesse ser exclusivamente commettida a mulheres:—e a necessidade de não estabelecer nas leis, um nome de principios demasiadamente theoricos, disposições que de qualquer forma possam estorvar a acção do professor n'um encargo que por ser demasiadamente melindroso e complexo, não póde ser regulamentado «ex cathedra» por theorias, quanto mais por immortaes... E em vez de tanta banalidade sem pés nem cabeça, que para ahi pejam os livros chamados da «Pedagogia»—feira da ladra dos cacos da sciencia!—livros claros se deviam vulgarisar e estudar sobre psychologia infantil, e uma cadeira d'esta especialidade devia existir em todas as escolas normaes e de habilitação ao magisterio.

Quanto ao alvitre de se reduzir o tempo de serviço militar em beneficio dos que soubessem ler, é excellente, e decerto daria resultado, de mais a mais um paiz como o nosso em que o povo tem a aversão da vida militar. Mas outros meios podiam ser empregados para o mesmo fim,—e não seria mau, estou em dizel-o, que por intermedio das associações de jornalistas de Lisboa e Porto se fizesse um inquerito á imprensa do paiz sobre os meios que a cada um se affigurassem praticos para extinguir, ou ao menos reduzir, o analphabetismo.

Se isso se fizesse, e os resultados colhidos inspirassem depois leis n'esse sentido—mas leis que se cumprissem!—a imprensa portugueza teria inaugurado uma epoca tão notavel, que dataria talvez d'ahi um «Portugal novo»... E a ella lhe cumpro fazel-o; porque n'um paiz de cinco milhões de habitantes, a acção da imprensa póde dizer se circumscripta, ainda hoje, a um tão pequeno numero, que a medir-se por este o seu valor, elle não é, decerto, de envaidecer... Ao menos os «carolas»!

O que é, comparada com a população do paiz, a tiragem dos maiores jornaes?! Quasi nada! E a dos outros, que constituem a quasi totalidade?!

Dada a curiosidade instinctiva do nosso povo, póde dizer-se que se a maioria d'este soubesse lêr, a tiragem dos nossos jornaes se multiplicaria extraordinariamente n'uma progressão crescente, o que não deixaria de ser tambem para o jornalismo a sua «idade de oiro...» E para o mais; porque a instrucção é a unica atmosphera em que os progressos de uma nação podem germinar e desenvolver-se. Sendo a nação a somma dos individuos, a força natural de cada um d'estes só com a instrucção póde fructificar.

Mas esta já vae extensa, sr. redactor, e peço-lhe muitas desculpas de ter abusado tanto da sua paciencia.

Constante Leitor.»

*

Tambem o illustrado diario lisbonense *A Folha da Tarde* dizia, ha dias, sobre o assumpto:

«BRAVO!

«O nosso mais effusivo abraço ao sr. capitão d'infanteria Homem Christo, que se torna crédor da nossa sincera admiração pela sua grandiosa iniciativa, que nós fomos os primeiros a referir.

«Com uma perseverança de que em geral só as boas acções são animadas, aquelle distincto official ministrou a instrucção dos soldados da sua companhia, conseguindo que em um periodo relativamente curto elles ficassem sabendo lêr e escrever.

«Foi um bom exemplo; e tanto assim que o sr. ministro da guerra acaba de convidar os commandantes de companhias a fazerem identicas tentativas.

«A illustração do nosso soldado completará as excellentes qualidades que elle já possue, e pô-lo-ha a par dos melhores nos paizes mais civilisados.

«(Apenas um conselho:—quando elles todos souberem lêr, tenham cuidado no que lhes dão a lêr...)

«Applaudindo a bella iniciativa do sr. capitão Homem Christo, registamol-a como um dos mais notaveis serviços ultimamente prestados ao nosso paiz.»

*

O nosso presado collega—*Nove de Julho*—de Beja, tambem no seu numero de quarta-feira ultima se referia ás experiencias feitas o anno passado pelo sr. capitão Homem Christo, nos seguintes termos:

«A proposito do analphabetismo do nosso povo teem alguns nossos collegas da capital feito ultimamente uma propaganda bem dirigida no sentido de conseguir-se que no exercito a classe dos officiaes que é illustrada, se preste a ensinar a ler e escrever os recrutas das suas companhias. Se tal se comprisse seria um grande passo para se diminuir um pouco o analphabetismo do nosso povo.

Bem hajam pois os que tão dedicadamente se prestam a esta campanha lembrando alvitres e bem hajam tambem os officiaes do exercito que sacrificando um pouco as suas commodidades trabalham para lançar nos espiritos dos seus recrutas a luz da instrucção litteraria que as escolas deixaram de ministrar-lhes.

Esta santa campanha que já echoou até no parlamento—onde só se trata da arranjos e politiquices devendo a sua missão ser bem outra: mais alevantada e mais nobre, só cuidando dos interesses do paiz excepcionalmente—tem origem no facto do capitão Homem Christo no anno passado se ter dedicado a ensinar a ler e escrever os recrutas da sua companhia obtendo os mais lizongeiros resultados.

O exemplo do sr. capitão Homem Christo foi este anno seccundado por outros capitães do exercito, principalmente da guarnição de Lisboa e ha poucos dias soubemos que no nosso 17 tambem o capitão sr. Alexandre Mourão, encontrando o mais valioso apoio no illustre commandante do regimento o Ex.mo sr. coronel Silvano Lopes, propoz-se a ensinar a ler os recrutas da sua companhia e agora sabemos mais que tendo sido sujeitos a um exame, foram os resultados magnificos o que lisongeia muito aquelle official que de certo prosiguirá no caminho altruista agora encetado, e estamos convencidos que o Ex.mo commandante que se honra com o brilho do seu regimento saberá estimular os brios dos seus officiaes incitando-os a que nos proximos annos outros sigam o procedimento bem digno de imitar, do sr. capitão Mourão.

Bem hajam pois os apostolos da civilisação.»

Companhia Lisbonense

Teem corrido bastante animados e com boas enchentes os espectaculos dados pela companhia do actor Domingos, no seu barracão do Rocio. E' que a companhia é digna do auxilio publico pela maneira como os seus artistas se teem desempenhado a valer dos papeis que lhes estão confiados.

Já o dissémos e repetimos, a companhia Lisbonense apresentou-se este anno em Aveiro muito melhorada, trazendo um bom guarda-roupa e um optimo scenario, devido aos esforços e trabalho do seu director.

Na quinta feira representou-se «O Moleiro d'Alcalá», uma linda operetta-comica em 4 actos, em beneficio dos Bombeiros Voluntarios, que agradou. A casa estava repleta.

Hoje deve subir á scena o emocionante drama «A Louca do Mar». E' enchente certa.

Diz-se que o sr. ministro da guerra tenciona n'um dos proximos dias do mez de maio vir a Aveiro visitar o quartel de infanteria 24.

Instrucção primaria

Diz-se que é immediatamente ao encerramento das camaras que é posta em execução a reforma da instrucção primaria, apparecendo conjuntamente o novo regulamento.

As averiguações a que procedeu a policia de Dresde ácerca da morte de sete creancas, que no periodo de um anno foram retiradas do rio Elba, demonstraram que o assassino é um rapazito de 9 annos, que levava as pequenas victimas para a margem, arrojando as em seguida ao rio.

Fallecimentos

Aos estragos da tuberculose succumbiu na passada semana o sr. Antonio do Valle Guimarães, empregado do governo civil.

A' familia do finado o nosso cartão de pezames.

*

Victimado por um ataque cerebral finou-se tambem na terça-feira n'esta cidade o sr. padre Francisco da Costa Junior, antigo director do collegio *Probidade*.

Tem corrida tempestuosa a quadra primaveril. A chuva e o vento tem-nos açoitado com uma furia impropria da estação que vamos atravessando. Parece que estamos em pleno inverno. Isto vae mal para a agricultura. E se assim continuar é possivel que tenhamos um anno escasso.

REPRESENTAÇÃO

Foi entregue ao sr. Jacinthio Candido uma representação, para ser levada ao parlamento, dos pescadores da ria d'Aveiro, pedindo para que a esta classe se auctorise no presente anno o uso das rêdes de arrastar.

O governo entregou o pedido á commissão central de pescarias que vae resolver sobre o assumpto.

Cartas d'Algures

25 d'Abril.

Começou no parlamento a discussão do convenio e segue no meio de largas referencias de jornaes.

Sendo tantos os talentos que se accumulam este anno na camara dos deputados, póde descançar o paiz. Eu nunca vi tanto talento junto. Não ha uma *estreia*, quer da opposição, quer do governo, que não seja apregoada como coisa fina e de preço.

E as estreias este anno teem surgido em massa. Estamos felizes e a nação possue agora todas as garantias de acerto e segurança.

Correndo, pois, a discussão do convenio no meio de tantos luminares, não se incommode nem se sobresalte o paiz.

Ha quem diga que d'alli sahe novo desastre para o paiz. Eu tambem sou d'essa opinião. Mas nós, simples mortaes, pouco ou nada sabemos d'isso.

Ainda ha dias os jornaes apregoavam, como excellente, uma conferencia feita no Porto pelo sr. dr. Duarte Leite. Devia ser boa, na verdade. O sr. Duarte Leite é um homem de verdadeiro caracter e de verdadeiro talento, um dos raros que nobilitam a causa republicana em Portugal. Como homem de talento sabe o que diz. Como homem de caracter é incapaz d'uma affirmação que não esteja d'accordo com a sua consciencia. Não é um politiqueiro, não pertence a essa raça ignobil d'especuladores capazes de todas as mentiras e de todas as trapaças, para conveniencia sua ou dos grupos a que pertençam. Felizmente para s. ex.ª e para o paiz. E são tão poucos esses homens em Portugal, que é uma consolação moral, pelo menos para mim, ter a gente occasião de se referir a elles. O dr. Duarte Leite, pois, devia ter feito, realmente, uma brilhantissima conferencia, digna do seu nome, que eu sinto não ter podido ouvir, que haveria apprendido n'ella, dada a sympathia que o seu auctor me inspira, o que, por falta de crença em todas as drogas governativas do meu paiz, me não foi possivel apprender em outras fontes. Porque, por mim, confesso a minha ignorancia sobre o assumpto.

Convenci-me de que o convenio é um desastre. Nem comprehendo que, na nossa situação, possa ser outra coisa. E convenci-me de que não ha em Portugal elementos para impedir esses e outros desastres. N'esse estado moral, não ha força para estudar. E não estudei o convenio.

Fiz bem? Fiz mal? Nem fiz bem, nem fiz mal. Se elle tem de ser um facto, seja. E' bom estudar tudo que interessa ao paiz. Mas quando d'esse estudo não deriva um resultado aproveitavel, é inutil estudar.

Ora não ha duvida nenhuma de que entre nós são impossiveis todas as resistencias. Impossiveis!

Isto cahiu o mais baixo que podia cahir. N'isso cahiu ha muitos annos. N'isso continuará. Até quando? Até mudarem as condições sociaes do paiz. Preparemos outro meio, ou estamos irremediavelmente perdidos. Para essa preparação deviam convergir os esforços de todos os espiritos reflectidos. Mas é n'isso, exactamente, que ninguem pensa.

Pois tudo o mais é errar o alvo.

Mas, repito, se eu estivesse no Porto, a natural sympathia que me leva para o dr. Duarte Leite levar-me-hia a ouvi-lo e eu teria apprendido na sua conferencia o que não tive animo para apprender por outra fórma.

O dr. Duarte Leite devia ter estudado o assumpto, profundamente, porque não é homem para falar sem isso. Mas salta Marianno de Carvalho no «Diario Popular» a dizer que o sr. Duarte Leite não soube o que disse!

Portanto, quem sabe da póda são elles. O convenio é uma maravilha. O governo enche-se de gloria com elle. Os talentos da camara dos deputados applaudem Hintze furiosamente. Que descance o paiz. Nem o paiz tem outro remedio, desde que é incapaz d'outros recursos.

O que me dá graça é vêr os jornaes republicanos a appellar para o exercito.

O exercito! O exercito!

O exercito está como tudo.

Não se cancem.

E' uma triste verdade. Mas nem por isso deixa de ser uma verdade.

A. B.

Os gafanhotos

Os proprietarios e lavradores do concelho d'Elvas, acabam de reunir, afim de ponderarem ao sr. ministro da guerra, quanto necessitam do auxilio de forças militares pela grande falta de braços com que luctam para a extincção dos gafanhotos que se não for combatida efficazmente, deixa em pouco tempo reduzidos á miseria os pequenos proprietarios ruraes.

Consta-nos que alguns socios do Recreio Artistico projectam uma excursão para o proximo mez de junho á Figueira, Leiria, Batalha e Coimbra.

Os phenomenos do anno

No corrente anno de 1902 haverá nada menos de tres eclipses do sol, se bem que todos parciaes, e dois eclipses totaes da lua. Estes, principalmente, estão despertando a maior curiosidade no mundo astronomico: o primeiro foi no dia 22 do corrente, e quando a lua se levantou já vinha eclipsada; o segundo a 17 de outubro, e succederá o contrario, isto é, será eclipsada que ella hade desapparecer.

Quanto a estrellas, algumas, e notaveis, se hão-de occultar, entre ellas a *Espiga da Virgem*, que é uma estrella de primeira grandeza.

Mercurio será visivel nas tardes de 3 de fevereiro, 28 de maio e 24 de setembro, como nas manhãs de 18 de março, 16 de julho e 4 de novembro.

Venus será a *brilhante estrella da tarde* até 14 de fevereiro, passando depois a ser estrella da manhã.

Marte que anda affastada da terra não se sabe por onde, só voltará em 1903.

Jupiter e Saturno dar-se-hão ao difructo dos astronomos, muito á vontade, de maio a outubro.

Dizem os que lêem nos astros que é possivel haver em novembro uma chuva de estrellas cadentes; comtudo, não se dá como certa, por se poder limitar a alguns simples foguetes sulcando as regiões sideraes.

O 1.º DE MAIO

Vae grande enthusiasmo entre o elemento operario aveirense para a festa do 1.º de Maio, que promette não desmerecer dos annos anteriores.

Formaram-se differentes commissões para tratar dos preparativos do cortejo e para angariarem, por meio de subscripção, alguns donativos para a sua festa.

Officiaram já a algumas associações para se encorporarem no cortejo com os seus carros allegoricos.

Emfim, tudo nos leva a crêr que os nossos operarios celebrarão o 1.º de Maio com a decencia e ordem de que teem dado provas.

Eis o programma:

A's 4 horas da manhã alvorada, tocando as musicas o hymno 1.º de Maio, percorrendo as principaes ruas da cidade, queimando-se algumas dezenas de foguetes.

A's 3 horas da tarde, Cortejo Operario, que formará na rua da Estação e tomará o itenerario seguinte:—Ruas de Sá, Gravito, Manuel Firmino, José Estevam, Mendes Leite, Apresentação, do Sol, do Peixe, da Rainha, do Caes, da Alfandega, José Luciano, Arrochella, de Santo Antonio, da Sé, do Passeio, rua Direita, Costeira, e Largo Municipal.

A ordem dos grupos é a seguinte:

A' frente a *Associação dos Operarios Agricolas e Operarios das mesmas artes não associados*, com carro allegorico e phylarmonica.

Padaria Flôr d'Aveiro, com carro.

Classe dos operarios de manipulação dos adobes, de Esgueira, com carro.

Tanoeiros, com estandarte.

Fabricas da louça da Fonte Nova, do *Cojo*, da *Telha Marselha* e *Moagem a Vapor*.

Operarios chapeleiros, com carro.

Operarios d'Ilhavo, com estandarte e musica.

Operarios e Bombeiro d'Ilhavo, com estandarte e musica.

Operarios Barbeiros, com estandarte.

A Serrelharia Gamellas, com carro.

Officina Trindade e Filhos, com carro.

Bombeiros Voluntarios, com carro e a sua banda.

Classes diversas: Sapateiros, Alfayates, Typographos, Funileiros, etc.

Sociedade Recreio Artistico.

Fechará o cortejo a *Associação dos Operarios Constructores Civis*, com carro de todas as artes.

Subirão ao ar girandolas de foguetes.

A' noite pelas 9 horas Serenata pela ria.

*

* *

ASSOCIAÇÃO DAS QUATRO CLASSES

DE

Construcção Civil

Aos operarios de Aveiro

Companheiros:

Approxima-se o dia em que o mundo operario concorre á communhão do seu credo, na santa religião do trabalho. E' que, no seu espirito, como na sua alma, adeja, como ave percussora da liberdade, o seu ideal, que ha de um dia, não mui longe, levar a todos os recantos do globo a affirmação de que—só é rei aquelle que trabalha,—quer no fiel cumprimento das obrigações a seu

cargo, ou na emancipação da sua consciencia.

Tendo por norma o dever civico a que nenhum operario deve faltar, está assestada, naturalmente, a arma de combate contra a algema do capital que por vezes quer anesquinhar os que, para proverem á vida, quasi sempre lhe servem de base e estejo á sua ostentação soberba e dominação absoluta.

O dia 1 de maio é, pois, a data consagrada á festa operaria de quasi todo o mundo; é o dia em que o povo trabalhador, dividido em poderosas phalanges, manifesta a sua vitalidade, vinculando a reciprocidade de ideias e caminhando cordatamente, sensatamente, para o mesmo fim a que tem jus, sem orgulho ou vaidade, sem ruído ou desordem, em busca da recompensa merecida:—a liberdade pelo trabalho.

E para que esta festa seja revestida d'um certo explendor condigno da nossa humilde condição e da nossa missão social, convidamos de novo todas as classes operarias de Aveiro e seu contorno a tomar parte no cortejo civico a realisar n'aquelle dia, com estandartes, carros, e outros objectos ou utensilios que manifestem a laboriosidade a que se dedicam. Darão assim uma exuberante prova da sua solidariedade á sublime ideia que as auras vem espalhando pelo mundo em fóra, indicando-nos o futuro, na ultima linha do horisonte, aonde se veem ainda esbatidas as silhuetas dos alvores d'essa madrugada que ha-de trazer-nos a emancipação no sacrosanto dillema:

Liberdade! Egualdade! Fraternidade!

Aveiro, 20 de abril de 1902.

A Direcção.

A banda dos Bombeiros Voluntarios tenciona tocar no Jardim Publico, aos domingos, á noite, no proximo mez de maio, algumas peças de musica do seu vasto repertorio, sendo as entradas pagas.

O seu producto será destinado á compra de machadas para a dita banda.

Devem principiar em maio os trabalhos de pesca nas costas do nosso littoral.

SCIENCIAS & LETTRAS

MARINA

Era uma vez uma donzella. Chamava-se Marina, o pae José e a mãe Luzia.

Em indo á fonte todos lhe pediam agua, pelo gosto de beber da sua cantara.

Na egreja, á missa, e as mais todas á roda, parecia a rosa entre a folhagem.

Por festas, que se armava baile, os moços não lhe tiravam de cima os olhos, de enlevados, concorrendo muitos de fóra pela fama da sua formusura.

Alta e proporcionada, clara e a pelle muito fina, um cabello loiro que chegava ao chão, os olhos côr do ceu, a bocca vermelha como cravo, as faces e as pontas dos dedos côr de rosa, quem a via ficava admirado.

E os seus modos e as suas fallas eram sempre tão sérias e maviosas, que a todos enchia de respeito e captivava.

Disse-lhe um dia o pae:—Filha, contados tem Deus os dias que nos ha de seffrer, e bom era ir-te amparando, quanto antes, para meu descanço. A mulher moça e formosa é como as arvores tenrinhas que carregam muito, que o vento, as escadeia. Se algum d'eses rapazes te agrada, é nomeal-o, que eu me entenderei com o pae, ou em no vendo eu lhe darei os bons dias e fallarei de modo que elle me advinhe o pensamento, e os veja casados prestes.

Fez-se Marina vermelha como uma romã, de vergonha, e alevantando os olhos, anciando-se muito, suspirou.

—Não é o caso para tanta anciedade, accrescentou o pae; és mulher feita e a toda a mulher é dado um homem: o ponto está que a união seja de gosto e abençoada. Falla, que és senhora de escolher á vontade, e os teus segredos ninguem é mais capaz de os saber do que tua mãe e eu.

Abriu Marina a bocca para fallar, mas tornando-se a anciar muito, tornou a suspirar.

O velho abaixou a cabeça, e levando um dedo á testa, pôz-se triste. E á noite disse a Luzia:—Tambem nós, Luzia, pelos nossos peccados, teremos de vêr Marina como a outra, esmorrida a um canto e definhando-se, por se enlevar em homem d'outro panno?

E contou como ás suas peguntas a viu embaraçada, respondendo-lhe apenas com suspiros.

Ficou Luzia deveras pensativa, mas disfarçando respondeu meigamente:—Não te dê isso cuidado e dorme, que as moças com os paes sempre se acobardam n'estes casos, e uma vez que lhe eu falle, já se ella explica desafogadamente.

Dormiu José até pela manhã, que foi para a lavoira, e ao meio dia, que Marina lhe havia de levar o jantar, a mãe chamou-a e disse-lhe:—Teu pae ficou hontem queixoso, e com razão, mas para o consolar a elle e te desculpar a ti lhe disse que são coisas cá da minha conta, e vae em paz.

Foi-se Marina embora, e á volta, tornou a mãe: Assenta-te agora aqui.

E assentaram-se as duas.

Marina começou logo a tremer, e pegando-lhe na mão, beijou-lhe a mão.

A mãe, vendo-lhe os olhos piedosos, para a animar, lançou-lhe os braços rindo-se, e assim abraçadas uma á outra, lhe foi dizendo:—Quem será mais tua amiga, filha! As mães são as nossas mais intimas amigas, e fieis conselheiras. E se uma pessoa não cuidasse noite e dia senão da tua felicidade, muito ingrata serias tu, e d'um coração bem duro, encobrindo-lhe em paga os teus segredos. Ora pois, d'um momento para o outro são os paes chamados á presença de Deus e fica uma triste rapariga ao desamparo. Por isso, quanto mais depressa a mulher acha um arrimo, descanço para seus paes, e d'ella, que mais tempo terá de criar os seus filhos e os deixar encaminhados. E's de todos estimada, como é fama, pelo teu comportamento, além de que, temos ainda, graças a Deus, um quarto de terra e uma junta de bois para te dotar. De modo que em logar de seres escolhida, bem pódes escolher, e não são tantos os moços da aldeia que os não conheças todos, nem tão poucos que a algum te não tenhas sentido affeiçoada. Confia-me a tua inclinação, e verás como em tendo casa, o governo te leva todo o tempo alegremente, e como em logar de minha filha, para me obedecer, passas a ser minha amiga, em tudo igual, senhora de ti, e uma mulher perpeita.

Mais ia a mãe dizendo, mas ouvindo-lhe e sentindo-lhe o coração bater de rijo, afastou a de si um pouco, para lhe ver o rosto, e acha-a banhada em lagrimas:—Filha, por que desgraça o mesmo que é para as mais alegria é para ti tristeza? Julgas que nos queremos desfazer de ti?

E pondo-se a olhar para ella com muito mimo, a ver se a consolava, não sei que lhe veio á ideia de repente, que dando um grito, e apertando-a nos braços, como se lh'a quizessem roubar, rompeu n'um chôro que se não podia ouvir.

Assim levaram ambas não se ouvindo senão soluços, até que Marina tomando alento e olhando á roda, mostrou aquelles olhos azues, tão puros como o céo depois da tempestade, e a mãe levantando-se, e tornando-a a abraçar e beijar, lhe disse voltando o rosto:

—Vae, filha, vae para o pé da outra fazer-lhe companhia!

E separaram-se.

JOÃO DE DEUS.

O sal

Actualmente regula no nosso mercado ao preço de 18$000 réis cada barco, com tendencia para subir.

Crime repugnante

Dizem-nos de Arcos de Val de Vez, em data de 21:

Na freguezia de Tavora deu se um crime que pelas circumstancias em que foi praticado, merece ser qualificado de *inquesitorial*.

Foi o caso que Antonio Fernandes, vulgarmente conhecido pelo appelido do Pacheco, como não estivesse em boas relações com um creado do ferreiro Gaspar José da Bouça, do lugar da Carreira d'aquella freguezia, foi chamado á officina d'este, na occasião em que por alli passava, para levar uma enxada que lá tinha a concertar.

Uma vez dentro, o pae do ferreiro, que se achava escondido fechou a porta; e este, juntamente com seu filho Gaspar, com o creado e com um outro que se achava encaretado saltaram com um martello e ferros em braza em cima do desgraçado, que ficou em mistero estado.

Aos gtitos da mulher do ferreiro, os faccinoras abriram a porta, e o Pacheco sahiu para a estrada ainda com a roupa a arder.

Deu entrada no hospital d'esta villa.

A causa do crime, segundo diz o Pacheco, foi por este haver dito que o creado do ferreiro o havia convidado para o ajudar a roubar uma vacca na freguezia da Miranda d'este concelho: outros, porém, dizem que foi originado por o ferido provocar o creado do ferreiro de todas as vezes que aquelle passava á porta da officina.

O poder judicial, a quem está confiado o caso, tratará de apurar a verdade.

Vão começar por estes dias os trabalhos de construcção do ramal que deve ligar o Canal de S. Roque á estação do caminho de ferro, desde Valle de Marinhas ao Passo Nivel de Esgueira.

JUNTA ADMINISTRATIVA

DAS

OBRAS DA BARRA

E

RIA DE AVEIRO

ESTRADA DE LIGAÇÃO DO ESTEIRO DE S. ROQUE COM A ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

Empreitada de fornecimento de pedra britada

FAZ-SE publico que no dia 7 do proximo mez de maio, pela 1 hora da tarde, na Secretaria da Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria de Aveiro, perante a commissão respectiva presidida pelo abaixo assignado, terá logar o concurso, por meio de cartas fechadas, para a arrematação do fornecimento de 630,0^{mc} de pedra britada—quartz, sendo a base da licitação:

RÉIS 4.41:000

As condições e encargos da arrematação estarão patentes na Secretaria da Junta todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

As guias para effectuar o deposito provisorio, na importancia de 11$000 réis são passadas na Secretaria da Junta até á vespera do dia da arrematação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 p. c. do preço da adjudicação.

Aveiro, 26 de abril de 1902.

O Vogal da Junta,

Diniz Theodoro d'Oliveira.

(124)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXXVI

O judeu dispunha-se a replicar, mas o grão-mestre atalhou:

—Silencio, infiel! Nem uma palavra em nossa presença a não ser em resposta ás nossas perguntas. Que negocios tens tu com o nosso irmão Brian de Bois-Guilbert?

Isaac ficou anhelante de terror e indecisão. Contando a sua historia, poderia julgar-se que elle calumniava a ordem; e calando-se, que esperança podia ter de conseguir a libertação de sua filha? Beaumanoir viu a sua angustia e condescendeu em tranquilisal-o um pouco.

—Nada temas, disse elle, pela sua vil pessoa, judeu, comtanto que te expliques sem rodeios. Outra vez te pergunto que negocios tens com Brian de Bois-Guilbert?

—Com licença de Vosso Reverendo Valor, tartamudeou o judeu, sou portador d'uma carta para o bom cavalleiro, que lhe mandou o prior Aymer da abbadia de Jorvaulx.

—Não te dizia eu, Conrado? disse o mestre. Que desgraçades tempos em que um prior de Cister, para enviar uma carta a um soldado do Templo, não acha portador mais proprio do que um infiel judeu.—Dá-me a carta.

O judeu com as mãos tremulas abriu as dobras do seu barrete armenio, onde para maior segurança collocara as taboinhas do prior, e ia a approximar-se com a mão estendida e o corpo inclinado para chegar ao alcance do seu interrogador.

—Para traz, cão! exclamou o grão-mestre; eu não toco em infieis senão com a espada.—Conrado, toma tu essa carta e dá-m'a.

Beaumanoir, achando-se assim de posse das taboinhas, examinou-lhe o involucro cuidadosamente e em seguida dispoz-se a desatar os cordões que lhe atavam as dobras.

—Reverendo padre, disse Conrado interpondo-se, mas com muita deferencia, queres partir o sêllo?

—E porque não? disse Beaumanoir franzindo os sobrolhos. Não está escripto no quadragesimo segundo capitulo, *De Lectione Literarum*, que um templario não póde receber uma carta, mesmo de seu pae, sem a communicar ao grão-mestre e lel-a na sua presença?

Percorreu-a então rapidamente, com expressão de surpreza e horror; leu-a depois com mais vagar, e em seguida, estendendo-a a Conrado com uma mão e batendo-lhe levemente com a outra, exclamou:—Bonitas coisas para um christão escrever a outro, ambos elles membros, e membros não inferiores, de corporações religiosas!—E, levantando os olhos ao ceu, exclamou solemnemente:—Quando virás, Senhor, com os teus jceiradores limpar a eira!

Mont-Fitchet tomou a carta das mãos do seu superior, e começou a lel-a com attenção.—Lê alto, Conrado, disse o grão-mestre, e tu (para Isaac) dá attenção ao seu conteúdo, porque havemos de interrogar-te sobre elle.

Conrado leu a carta, que continha estas palavras:

«Aymer, por graça divina; prior da casa de Santa Maria de Jorvaulx, da ordem de Cister, a *Sir* Brian de Bois-Guilbert, cavalleiro da Santa Ordem do Templo, deseja saude, com os favores do Rei Baccho e de *my Lady* Venus. Quanto á nossa presente condição, querido irmão, estamos captivos nas mãos de certos homens sem lei nem fé, que não recearam deter a nossa pessoa e exigir-nos resgate; por elles soubemos o infortunio de Testa-de-Boi e que tu escapaste com a bella feiticeira judia, cujos olhos pretos te fascinaram. Nós estimámos cordealmente o teu salvamento; no entanto rogamos-te que te acauteles com respeito a essa segunda pytoniza d'Endor; pois me asseguraram particularmente que o vosso grão-mestre, que faz tanto caso de faces rosadas e olhos negros como de uma fava, está a chegar da Normandia para cercear os vossos folguedos e corrigir os vossos delictos. Portanto do coração te supplicamos que sejas cauteloso e estejas de vela, como está escripto no Texto Sagrado: *Invenientur vigilantes*. E tendo-me o pae d'ella, o rico judeu Isaac de York, pedido uma carta em seu favor, eu dou-lhe esta, aconselhando-te seriamente, e mesmo supplicando-te, que acceites um resgate pela donzella, attendendo a que com elle te pagar da sua bolsa tu poderá arranjar cincoenta donzellas em condições muito mais seguras, das quaes eu espero ter a minha parte quando folgarmos juntos, como verdadeiros irmãos, não esquecendo a bella pinga. Pois lá diz o texto: *Vinum lætificat cor hominis;* e n'outra parte: *Rex delectabitur pulchritudine tua.*

«Até essa patuscada dizemos-te adeus. Dada na caverna dos ladrões, pela hora de matinas.

AYMER PR. S. M. JORVOLCIENCIS.

«*Postscriptum.*—Em verdade, a vossa cadeia d'ouro não se demorou muito tempo commigo; agora, suspensa ao pescoço de um *outlaw*, sustenta o assobio com que elle chama os seus cães.»

(Continua.)

Bibliotheca
HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, explendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1 vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

HISTORIA
DA
REVOLUÇÃO PORTUGUEZA
De 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriotica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões luctaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas	60 réis
Cada vol. brochado..	1:500 »
Obra completa (4 vol)	6:000 »

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria **Mello Guimarães.**

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com explendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—**120** rs

Os pedidos d'assignatura pódem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A' venda na Livraria Elysio —Rua Formosa, 282

PORTO

NOVIDADE LITTERARIA

ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenrolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

"O NORTE,,

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

A NOVA PHASE
DO
SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 —LISBOA.

Preço 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe.

CONSULTORIO DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

ARMAZENS
DA
BEIRA-MAR
DE
MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria,** bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FERRAGENS,

zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA

ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em **1862**

EM

Kaiserslautern

são estas as melhores machinas de costura

A machina *PFFAF* para costureiras.
A machina *PFAFF* para alfaiates.
A machina *PFAFF* para modistas.
A machina *PFAFF* para sapateiros.
A machina *PFFAF* para seleiros.
A machina *PFFAF* para correeiros.
A machina *PFAFF* para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79